

PALLARES-BURKE, MARIA LÚCIA. *GILBERTO FREYRE: UM VITORIANO NOS TRÓPICOS*. SÃO PAULO: EDITORA DA UNESP, 2005.

Alberto Luiz Schneider\*

A publicação de *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, representa uma enorme contribuição à fortuna crítica em torno da obra de Gilberto Freyre. Trata-se de uma biografia intelectual sobre os caminhos gilbertianos, desde a sua chegada nos Estados Unidos, em Waco, Texas, em 1917, até a publicação de *Casa Grande & Senzala* em 1933.

O movimento de reavaliação da obra do autor pernambucano - em que a noção de mestiçagem, e de algum modo a de identidade nacional, inevitavelmente excita polêmicas não raro exaltadas - encontra no livro de Maria Lúcia uma reflexão crítica, antes hermenêutica do que militante. A pesquisa minuciosa, ao ponto de vasculhar as notas escritas a mão na borda da página no momento da leitura, não impediu a construção de uma interpretação intelectual ambiciosa, onde Freyre é tratado não apenas como autor, mas também como, e sobretudo, como leitor.

A autora soube entrecruzar com rara felicidade as leituras feitas por Gilberto Freyre nos anos de formação e os impasses, revezes e hesitações que a vida impõe às pessoas. A dimensão intelectual de um leitor e a vida fora dos livros formam universos inevitavelmente conectados, cujo futuro é por definição aberto. Pallares-Burke narra a vida do jovem Gilberto, seus amigos, professores e as circunstâncias nas quais se viu enredado. A autora, porém, se dedicou especialmente a pesquisar os livros lidos, os grifos e comentários, as cartas<sup>1</sup> e os artigos que ele mandava desde a outra América e que saíam publicados no *Diário de Pernambuco*. Convém destacar a notável discussão que a autora promoveu sobre os livros ingleses que Gilberto Freyre leu - dos grifos à natureza propriamente intelectual dos textos.

Na introdução, Pallares-Burke oferece ao leitor pistas da concepção que nortearam a sua biografia, citando o próprio Freyre: “todo homem, ao voltar-se para o tempo vivido, procura rejeitar parte dele” (p.28). A autora construiu um texto em que não almejou nem monumentalizar o biografado, nem lhe negar a grandeza, buscando identificar o que havia em Gilberto que ele próprio pretendeu apagar, valorizando um percurso que não foi natural nem óbvio, mas aberto a possibilidades. Eis uma biografia intelectual elegante, erudita e rigorosa, sem se furtar a alusões à vida privada, como a experiência homoerótica vivida por Gil-

berto Freyre e Linwood Sleight, um rapaz inglês que conheceu em sua passagem por Oxford. No entanto, o livro jamais cede ao pitoresco e mantém o foco nas sutilezas e nuances do percurso intelectual que culminou em *Casa Grande & Senzala, mas que poderia ter dado em outro porto*. A autora observa que “ao estudar a trajetória de Gilberto Freyre temos de nos precaver contra o perigo de interpretar o que precedeu em virtude do que sucedeu” (p.143-4), evitando anacronismos históricos, não tomando como óbvio e natural um caminho que não foi linear, antes foi fruto de escolhas, recusas e circunstâncias.

Pallares-Burke explora a importância do racismo científico no debate americano dos anos de 1920. A eugenia foi um conjunto de idéias respeitáveis e cientificamente convincentes que afetou profundamente o imaginário da época. Da pureza da raça nórdica dependeria o futuro dos Estados Unidos. Autores como Mandison Grant e seu discípulo Lothrop Stoddard gozavam de notável reputação e audiência, chegando mesmo a influenciar a adoção de políticas públicas, como esterilizações, proibição de casamentos inter-étnico e restrição à entrada de imigrantes mediterrânicos, asiáticos entre outros. Essa atmosfera intelectual não deixou de impregnar a reflexão do jovem Gilberto Freyre. Em carta a Oliveira Lima essa questão aparece claramente. O branqueamento, via imigração, ainda estava perfeitamente colocado no horizonte de Freyre, como demonstra a autora, citando um artigo de Freyre no *Diário de Pernambuco* (06/07/1921) no qual se lê: “‘a gente de cor deve ser mais de 75%’ e a ela ‘precisamos opor ... o imigrante branco’” (p. 273).

Uma das vozes dissonantes no ambiente intelectual americano foi Franz Boas, professor de Freyre em Columbia, que desde o início do século combatia as idéias de superioridade racial e a adaptabilidade dos imigrantes. A autora, no entanto, argumenta de modo convincente que Franz Boas não foi decisivo na passagem de Gilberto Freyre por Columbia. Muito mais influente foi seu orientador William Shepherd, um respeitável historiador interessado na América Latina. Freyre conheceu as idéias de Boas, mas não aderiu de imediato, embora já simpatizasse com o antropólogo, como fica evidente num chiste em artigo do *Diário de Pernambuco* (15/01/22). Neste Gilberto ironiza a mania americana de avaliar as coisas pelo seu valor econômico: o cérebro de Presidente Harding valeria 25 dólares e o de Boas dois milhões e meio de dólares, valor máximo atribuído apenas a três outras pessoas (p.303). Embora enfatizasse a herança de Boas e a sua influência sobre a própria produção intelectual, na tese apresentada em 1922, não aparece o nome de Boas nem suas idéias. Ao publicar a tese em português, no longínquo ano de 1964, Gilberto Freyre alterou “pormenores de superfície”, mas Pallares-Burke mostra que as alterações foram sensíveis, pois frases comprometedoras, ainda impregnadas da atmosfera eugenista desapareceram. Aquilo que o próprio de Freyre preten-

deu omitir e a posterior intervenção do já consagrado escritor em banir estas páginas foram devida e rigorosamente exploradas no livro, mas sem a fúria desconstrutivista que freqüentemente mais destrói que desconstrói.

Não faltou quem atribuísse à obra de Gilberto Freyre um caráter ensaístico. Se observarmos a retórica freqüentemente objetivista dos textos escritos entre as décadas de 1930 e 1960, sobretudo aqueles produzidos no interior da universidade e destacadamente a tradição marxista - quase sempre tão zelosa da cientificidade -, podemos notar na escritura gilbertiana um tom alternativo, que poderíamos chamar de ensaístico, permitindo um texto como “uma expressão de personalidade”, com algo de “pessoal, meio meditativo, meio coloquial” (p.65). É possível perceber que, desde muito, cedo foi se desenvolvendo em Freyre uma sensibilidade avessa à impessoalidade metódica e ao discurso duro da ciência. Walter Pater, autor que ele admirava, apresentava o ensaio como um modo de se relacionar com a “verdade de modo não dogmático”, forma capaz de apreender o “ambivalente, o opaco, o inarticulado e dissonante da experiência”<sup>2</sup> (p.66). É importante lembrar que o ensaio não é apenas um estilo, é antes um modo de pensar. Inspirado numa série de escritores de língua inglesa como Matthew Arnold, Lafcadio Hearn, George Santayana, Gilbert K. Chesterton, William Butler Yeats, Walter Pater e vários outros, Gilberto Freyre enxergou o ensaio como um gênero literário respeitável. Pallares-Burke nota que o contato com esses ensaístas britânicos ocorreu “numa época em que esse gênero ainda não fora associado ao trivial, superficial, subjetivo, anedótico e inconsistente” (p.64).

Depois de passar pelas Universidades de Baylor (1917-1920), no Texas e de Columbia (1921-1922), em Nova York, Gilberto Freyre finalmente chegou em Oxford, no segundo semestre de 1922, onde passou alguns dos meses mais decisivos de sua vida. A Europa teria sido seu destino, não fosse a Primeira Guerra, que lhe impôs o outro lado do Atlântico Norte. Oxford pareceu-lhe a “modernidade dentro da tradição” e foi lhe verdadeiramente arrebatadora. Lá, Freyre consolida sua profunda paixão por uma certa tradição intelectual inglesa e vitoriana, mas não necessariamente conservadora, como salienta Pallares-Burke. Foi em Oxford que Freyre enamorou-se por uma Inglaterra, que povoou sua cabeça ao longo dos anos. Uma Inglaterra que não deixa de ser uma idealização, capaz de “conciliar” estabilidade social e desigualdade, liberdade e conformidade, tradição e modernidade. Freyre recolheu noção de “equilíbrio” em Carlyle e Spencer e outros ensaístas ingleses, que viram a Inglaterra como uma sociedade “equilibrada”. A perspectiva de uma miscigenação conciliadora, capaz de legar algum equilíbrio ao Brasil, teria vindo daí.

Carlyle e Spencer, mais os já citados Pater, Yeats, Hearn e outros lidos ou relidos em Oxford, desenvolveram em Freyre uma profunda sensibilidade para o

valor e a legitimidade das tradições culturais, populares ou não. Lafcadio Hearn, em *Two Years in the French West Indies*, com seus elogios à mestiçagem e aos trópicos, foi-lhe particularmente importante. Autores brasileiros como Roquette-Pinto, que desde a década de 1920 questionava as teses racistas, sobretudo a suposta degeneração dos mestiços, tiveram um papel mais importante do que convencionalmente se atribui. O amigo alemão de Columbia, estudante como Gilberto, Rüdiger Bilden, foi-lhe igualmente fundamental. Bilden esteve no Brasil em 1926 a fim de estudar a influência da escravidão na formação histórica do país, chegando a afirmar num dos poucos artigos que escreveu, que o Brasil foi o “único país de origem européia onde as três divisões fundamentais da humanidade se misturam em termos mais ou menos iguais e participaram da construção de uma cultura singular” (p.402). A biografia traz páginas deliciosas e comoventes sobre a vida de Bilden, cujas circunstâncias históricas e pessoais impediram-no de se tornar um grande intelectual, como todos esperavam, inclusive Gilberto Freyre, que o cita em *Casa Grande*.

Pallares-Burke não nega a influência de Boas, mas mostra que a conversão gilbertiana a suas idéias foi tardia, embora decisiva, insistindo na força de uma certa tradição intelectual inglesa. A argumentação da autora é convincente, no entanto, um leitor não familiarizado com a obra de Gilberto Freyre, tenderia a superdimensionar a influência dessa tradição. Convém lembrar ainda muitos outros autores, não ingleses, também fundamentais a Freyre, entre os quais se podem citar ensaístas espanhóis, como Ortega y Gasset, Miguel de Unamuno e Ángel Ganivet, estudados por outro livro recente e importante, *Gilberto Freyre e o Pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*, de Elide Rugai Bastos<sup>3</sup>. Os leitores interessados no assunto sairiam enriquecidos na leitura de ambos livros, antes complementares que opostos.

É possível pensar que Gilberto Freyre foi capaz de construir um novo paradigma interpretativo, porque teve uma formação literária e ensaística, resistindo ao embotamento da ciência e da sociologia de seu tempo, que apesar de um Boas, era ainda predominantemente calcada sobre a idéia de raça. O livro de Pallares-Burke é relevante não apenas aos interessados em Gilberto Freyre, mas também em História Intelectual e na própria atmosfera política e intelectual dos anos vinte. Livro erudito e sensível, que em suas mais de 450 páginas tem a rara faculdade de não cansar.

## NOTAS

\* Alberto Luiz Schneider é graduado em História pela UFPR (1997), Mestre em História pela PUC-PS (2000) e Doutor em História pela UNICAMP (2005). Publicou *Silvio Romero Hermeneuta do Brasil* (Annablume, 2005). É atualmente professor visitante do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros da Tokyo University of Foreign Studies).

<sup>1</sup> Ver: GOMES, A. M. C. (Org.) . *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre organização, introdução e notas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

<sup>2</sup> Esta concepção de ensaio com a qual Freyre tomou contato é atribuída a Walter Pater, em *Plato and Platonism*. London: Macmillan, 1934. p. 156-71.

<sup>3</sup> BASTOS, Elide Rugai. *Gilberto Freyre e o Pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso Bueno*. Bauru: EDUSC, 2003.